

# A estratégia política da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo sobre as eleições presidenciais 1989, 1994 e 2002

Rafael Lopez Villasenor\*

---

## Resumo

O texto faz abordagem nas eleições presidenciais entre os anos de 1989, 1994 e 2002, dentro das estratégias político-religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), apoiando ou de demonizando os candidatos a presidente. Usa-se como estratégia o discurso do medo, no uso simbólico do demônio para persuadir os fiéis-eleitores a votarem em candidatos apoiados pela Igreja.

**Palavras-chave:** medo; IURD; eleições; discurso.

## Abstract

The text does approach the presidential elections between the years 1989, 1994 and 2002, within the politico-religious Universal Church of the Kingdom of God, supporting or demonizing the presidential candidates. It is used as a strategy to address the fear, the symbolic use of the devil to persuade the faithful-voters to vote for candidates backed by the Church.

**Keywords:** fear; IURD; election; discourse.

---

## Introdução

Nossa reflexão faz uma breve abordagem nas eleições presidenciais entre os anos de 1989, 1994 e 2002, dentro das estratégias político-religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) de demonizar os candidatos não apoiados pela Igreja. Veremos brevemente uso do discurso do medo religioso para persuadir os fiéis-eleitores a votarem em

\* Mestre em Ciências da Religião PUC-SP. Doutorando em Ciências Sociais PUC-SP.  
E-mail: rafamx@uol.com.br

candidatos apoiados pela Igreja. A política do medo<sup>1</sup> no uso simbólico do demônio na IURD é conhecida, sabemos como é fácil lidar, manipular, controlar e limitar indivíduos amedrontados.

Religião e política andaram juntos ao longo da história do cristianismo, mas essa parceria também foi questionada durante muitos anos. A doutrina protestante tradicional distanciava-se das atividades políticas e sociais: “Crente não se deve meter em política”. Porém, a mistura de política e religião ganha destaque no Brasil com a participação de alguns candidatos evangélicos nas eleições e da própria IURD. Prática que ganhou importância no campo político, por causa do seu espetacular crescimento e com a transferência para o mesmo do seu capital religioso, através de suas teologias, práticas e discursos.

## **A Igreja Universal no processo eleitoral presidencial**

A Igreja Universal do Reino de Deus está dentro das chamadas igrejas neopentecostais, fundada em 1977 por Edir Macedo, no Rio de Janeiro. Esta Igreja tem recorrido amplamente aos meios de comunicação em massa para se desenvolver, principalmente à televisão. Ao que tudo indica, esta estratégia foi bem sucedida. Segundo os dados do último censo de 2000, conta com mais de dois milhões de fiéis, o que representa 12% dos pentecostais. A IURD é uma Igreja urbana, os maiores contingentes de adeptos estão localizados nas capitais dos estados e em cidades de grande porte (Jacob, 2003).

A IURD constrói muitos templos como outras igrejas evangélicas, mas estes devem ter bastante visibilidade, concentrados em lugares estratégicos. A implantação dos templos e, mais recentemente, a construção de grandes catedrais, visam dois objetivos: visibilidade e adesão em massa. A instalação de templos imponentes nas vias principais é uma estratégia de visibilidade e *marketing* religioso, que se articula com a presença na mídia e também na esfera política, dado que essas construções necessitam de trâmites burocráticos nas administrações municipais (Almeida, 2004). Os templos permanecem com as portas abertas durante todo o dia, e neles são realizados vários cultos diariamente. A qualquer

---

<sup>1</sup> Nada de novo, já Maquiavel, referência mais que óbvia para esta questão, aconselhava o Príncipe a instigar o medo nos seus súditos porque este seria mais potente e duradouro do que o amor. “Melhor é ser amado do que temido” e entre uma opção e outra “É melhor ser temido do que odiado” (Capítulo XVI).

momento é possível recorrer a um templo da Universal com facilidade e obter “socorro espiritual”. A ida é ainda estimulada pelos programas na televisão que, durante a pregação dos pastores, apresentam em legenda, no “pé da tela”, os endereços de algum templo próximo à casa do telespectador. Como costuma dizer o Bispo Macedo, sua igreja é um “Pronto-Socorro Espiritual”. De fato, trata-se de serviços religiosos aos quais se recorre em momentos de aflição sem um compromisso mais restrito com a comunidade moral. A televisão tornou-se território religioso popular com seus rituais totalmente expostos. Curas e exorcismos já não estão reservados à intimidade da fé comunitária, mas são exibidos como qualquer outro fato ou produto de mídia, atraindo telespectadores e criando adesões (Passos, 2000).

Desde a fundação, a IURD iniciou a sua efetiva prática política participando ativamente das campanhas políticas em épocas de eleições. A partir da década de 1980, o vertiginoso crescimento da corrente neopentecostal, encabeçada pela Igreja Universal do Reino de Deus, radicalizou a ocupação pentecostal da esfera pública, por meio de vultosos investimentos em rádio e tele-evangelismo e do ingresso na política partidária (Mariano, 2010). Em 1986, conseguiu a eleição de um deputado federal para a Assembléia Nacional Constituinte. Em 1990, elegeu três deputados federais e seis deputados estaduais. Em 1994, duplicou o número de deputados para a Câmara Federal e aumentou para oito o número de deputados para as assembleias legislativas. Naquele ano, no Rio de Janeiro, também obteve a Secretaria do Trabalho e Ação Social e apresentou uma candidatura para o senado que alcançou 500 mil votos (Oro, 2003, p. 55). Por ocasião das eleições de 1998, a Universal elegeu 26 deputados nas assembleias legislativas de dezoito Estados da federação (Fonseca, 1998, p. 20) e dezessete deputados federais, sendo catorze egressos da própria igreja de distintas unidades federativas e três deputados apoiados pela igreja, cuja soma situa-se na casa de 1.400.000 votos, “[...] feito comparado a partidos de médio porte” (Conrado, 2000, p. 26). Já nas eleições de 2002, elegeu dezesseis deputados federais vinculados à própria igreja, dois a mais do que na legislatura anterior, e dezenove deputados estaduais, representantes de dez Estados da federação. Nessas mesmas eleições, segundo informações colhidas pela Folha de S.Paulo junto ao deputado Bispo Rodrigues – o principal coordenador político da IURD – a Igreja ajudou a eleger outros

quatro deputados federais não pertencentes a ela (Folha de S.Paulo, 10/10/2001). Além disso, fato notável foi a eleição do primeiro senador da Igreja, o bispo Marcelo Crivella, pelo PL (Partido Liberal) do Rio de Janeiro, superando políticos tradicionais como Artur da Távora e Leonel Brizola, além do pastor Manoel Ferreira, da Assembleia de Deus.

Uma vez que o voto é obrigatório, as lideranças da IURD negociam o apoio político junto às mais diversas correntes, sejam de esquerda ou de direita, para o que apresentam suas reivindicações imediatas em troca da adesão dos fiéis. E é justamente aí que reside seu percentual de poder: apresentar-se como uma reserva moral a ser conquistada pelos que disputam a liderança política no flexível e instável mercado da opinião pública (Souza e Magalhães, 2002). Conseqüentemente, a universal transfere o capital religioso para o cenário político, trazendo para este campo uma construção de sua representação política através de elementos doutrinários, usando a simbologia do medo, através da demonização, como estratégia para persuadir os fiéis eleitores a votarem em candidatos apoiados da IURD. O discurso político-religioso nos cultos transmite a sua visão religiosa e reproduz uma linguagem comum a seus fiéis e ouvintes nos cultos, fazendo de seus candidatos apoiados homens “escolhidos por Deus”. Assim a IURD conclama seus fiéis a participarem da política para vencer satanás, votando em candidatos apoiados pela Igreja. A construção da nova sociedade representaria a vitória na “guerra espiritual” travada entre os “homens de Deus” e o diabo, que influenciava na conduta dos maus políticos, que não querem que a obra de Deus prospere. Deste jeito, os fiéis da Igreja não participam apenas das eleições como cidadãos, mas como “soldados de Cristo” na batalha contra o demônio que deve ser derrotado (Cruz, 2009, p. 63). A estratégia, que tem como base o medo, é usar o discurso para persuadir o voto nos candidatos da igreja, desqualificando e demonizando os adversários, como maus políticos, que não querem a obra de Deus prospere. A política foi sempre questão de afectos. Dos que atravessam aqueles que a fazem e os impelem para a política, daquilo a que se poderia chamar a sua “vontade de poder”, sem dúvida, mas também daqueles que as personagens políticas pretendem desencadear nos outros. E, entre estes, o medo sempre foi um dos principais motores da política.

Nas primeiras eleições diretas no Brasil, após a democratização em 1989, foram marcadas pelo antagonismo entre os grupos de direita e de

esquerda, pelo uso dos veículos de comunicação de massa e pelo medo como estratégia política contra uma possível vitória do candidato Lula. Nas eleições presidenciais de 1989, os evangélicos sonhavam com “um homem de Deus” para ser presidente, o nome mais forte era o de Iris Rezende – PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), mas ele perdeu nas prévias para Ulisses Guimarães. A IURD, para participação nas eleições, procurou inspirações divinas conforme declaração de Edir Macedo, em dezembro daquele ano “Após orar e pedir a Deus que indicasse uma pessoa, o Espírito Santo nos convenceu que Fernando Collor de Mello era o escolhido”, sendo assim todos os fiéis da igreja deveriam votar no candidato Collor (Cruz, 2009, p. 50). Para Chaia (2004, p. 32), o processo eleitoral foi marcado por uma cobertura extremamente tendenciosa da mídia com, inclusive, edições de debates políticos, apresentado o fenômeno da candidatura de Fernando Collor e desqualificando o candidato Lula.

No segundo turno das eleições de 1989, os evangélicos viam no candidato da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, um verdadeiro “satã”; era o medo de “um comunista” ou “anticristo” ganhar as eleições. O medo foi um dos principais motores da política eleitoral. Havia o medo do Lula, fechar as igrejas. Também, existia o medo do ateísmo e da perseguição religiosa, que marcou a propaganda anti-Lula, além de trabalhar a ideia de que era revolucionário, contra os direitos da propriedade, a favor da baderna da anarquia e do comunismo (Chaia, 2004, p. 34). Assim, no segundo turno ocorreu uma campanha agressiva contra o candidato do PT (Partido dos Trabalhadores) no interior dos templos da IURD, nos programas de rádio e nos jornais semanais deixando claro o apoio à candidatura de Fernando Collor de Mello, o “caçador de marajás”, que acabou sofrendo o processo de *impeachment* por denúncias de lavagem de dinheiro e corrupção em 1992.

Os mesmos ataques de medo ao PT e ao candidato Lula estenderam-se também nas campanhas eleitorais de 1994, nas quais a IURD apoiou o candidato Fernando Henrique Cardoso, pois estavam cientes que não havia espaço para o tão sonhado candidato evangélico, o “homem de Deus”, devido ao sucesso do Plano Real. O medo e a demonização que atacou ao PT concentraram-se na ligação com o catolicismo e o apoio das religiões afro-brasileiras, ambos “inimigos” religiosos dos neopentecostais. Também Lula era considerado opositor ao plano de estabilidade e traria de volta a inflação. Criou-se um clima de medo na população, favorecendo

a candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Nas paredes das Igrejas da Universal da cidade de São Paulo, podiam-se encontrar faixas com os nomes dos candidatos oficiais da Igreja aos mandatos de deputados estadual e federal do estado de São Paulo. Sem a sigla do partido, apenas com o símbolo da Igreja e com o versículo bíblico “Feliz a nação cujo Deus é o Senhor” (Almeida, 2009, pp. 72-73).

Na campanha eleitoral de 1998, o candidato da situação Fernando Henrique Cardoso tinha a seu favor o sucesso do Plano Real, que conseguiu vencer o “fantasma” da inflação, a campanha foi centrada na ideia da continuidade. Lula foi temido e desqualificado como um político sem experiência administrativa, sem título universitário e, portanto, sem capacidade para conduzir o Brasil. Nessa eleição, oficialmente, a IURD manteve-se ao lado do tucano. No entanto, pode-se notar menor demonização e medo da candidatura de Lula, demonstrando mais respeito que nas eleições anteriores (Cruz, 2009, p. 51). Porém, para criar novamente o medo, houve boatos sobre o fechamento das igrejas evangélicas, caso o candidato do PT ganhasse as eleições (Chaia, 2004, p. 37). A propaganda política do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) associou o medo à incapacidade de Lula resolver a crise internacional. O segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso trouxe frustração para a população e para a cúpula da Universal.

A surpreendente aliança entre IURD/PL e o PT começou em 2000 e foi consolidada em 2002. Aproximação articulada pelo bispo Carlos Rodrigues (PL/RJ) e líder político da IURD, que organizou o apoio ao petista Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da República em 2002. Aliança que teve como representante o Senador José de Alencar como vice da chapa de Lula. Nas eleições de 2002, a IURD apresentou algumas novidades em relação às eleições passadas. Há quem diga, que por trás do empenho do PT em selar aliança com o Partido Liberal nas eleições 2002, – cuja razão mais explícita teria sido atrair o setor empresarial para o PT em torno de José de Alencar, empresário mineiro bem-sucedido e senador crítico da política econômica do governo FHC, figuraria também, mesmo que com motivação reduzida, o interesse velado de ter a Universal ao seu lado (Oro, 2003, p. 60). Agora não se falava mais do medo de fechamento de igrejas evangélicas, já que estas foram procuradas pelo PT e apoiaram ativamente a candidatura de Lula.

No primeiro dia da propaganda eleitoral do segundo turno, José

Serra (PSDB) colocou no ar o depoimento da atriz Regina Duarte que afirmava “Estou com medo de que o país perca a estabilidade tão duramente conquistada” caso Lula ganhe as eleições e declarou sua preferência pelo candidato José Serra. As reações do PT e de artistas foram imediatas contra a artista e o PSDB (Chaia, 2004, p. 42). Durante a campanha eleitoral, Lula foi tratado pelos adversários como aventureiro e sem experiência para causar medo ao eleitorado. Ao final, a esperança venceu o medo! Lula venceu devido a vários fatores como a mudança do eleitorado, do PT e do próprio Lula, mas teve um papel fundamental a apresentação da imagem positiva do candidato. O medo, que parecia estar para ficar, foi varrido por onda de esperança!

## **A Igreja Universal e sua estratégia política**

AIURD, ao final dos cultos mais concorridos, sobretudo os dominicais, não somente era mencionado o nome e o número dos candidatos da Igreja aos cargos eletivos, mas, algumas vezes, os próprios candidatos eram apresentados aos fiéis e eleitores ou, em caso de sua ausência, os bispos ou os pastores faziam subir no “palco-altar” alguns *banners* com fotos dos candidatos (Oro, 2003, p. 56). No segundo turno das eleições presidenciais de 2002, porém, a Universal e o PL declararam seu apoio a Lula. “Temos a obrigação de entrar de cabeça na campanha do Lula”, disse o Bispo Rodrigues à Radio CBN. “Nossos deputados, agora que já estão eleitos, devem se empenhar em mobilizar as suas bases”. Bispo Rodrigues falava como vice-presidente nacional do PL e como responsável político da Igreja Universal (Oro, 2003, p. 61).

Conrado (2000, pp. 76-77) efetuou um levantamento no jornal *Folha Universal* acerca do que é considerado pela Igreja o perfil adequado do político: “pessoas despojadas de interesses pessoais”; “ter o desejo exclusivo de glorificar o bom nome do Nosso Senhor Jesus Cristo [...]”; possuir “caráter” e “compromisso com o povo de Deus”; preocupar-se com os “desamparados, pobres e necessitados”, “sem vaidades interiores, sem egoísmos [...]”. Na prática, os principais pré-requisitos dos candidatos da Universal são os de serem “pastores que atuam na mídia”. A chave pela qual a Universal conclama seus fiéis a participarem da política para vencer o satanás. “Não votem nos políticos que estão a serviço de satanás, que não querem que a obra de Deus prospere”, disse o bispo da Universal

que presidiu o culto de 22 de setembro passado em Porto Alegre. “Os espíritos que atuam na política, disse recentemente o Bispo Rodrigues, são os espíritos dominadores, os príncipes das trevas” (*Jornal do Brasil*, 29/10/2001). Em outra oportunidade o mesmo bispo afirmou: “O diabo está alojado dentro do Congresso Nacional, criando leis injustas e erradas” (*Folha Universal*, 302, 18/1/1998). “A maioria dos políticos estão a serviço do satanás”, repetiam pastores e bispos nos domingos que precederam a eleição de 6 de outubro de 2002 (Oro, 2003, p. 58). Assim, a Igreja usa a imagem de satanás para impor medo nos fiéis eleitores e persuadi-los a votarem nos candidatos apoiados pela IURD.

O diabo atua na política – ocasionando a corrupção e os comportamentos ilícitos e antiéticos –, a Universal se diz capaz de libertá-la do poder desse mal. O mal não está na pessoa, é o diabo que faz ter atitudes erradas. Para isso, aciona um recurso invisível, mais poderoso, a força que purifica tudo, inclusive a política: a “força do Espírito Santo”, o “poder do Senhor Jesus”, “o pai das luzes que vence o poder das trevas”, segundo o dizer dos ministros da IURD (Oro, 2003, p. 59).

A consequência desse discurso é que para os fiéis iurdianos votar não constitui apenas um exercício de cidadania. Ele também é concebido como um ato que preenche um sentido quase-religioso. Trata-se de um gesto de exorcismo do demônio que se encontra na política e de sua libertação para que ela seja ocupada por “pessoas tementes ao Senhor Jesus”, segundo a expressão de Bispo Rodrigues. Em outras palavras, o efeito de sentido produzido pelo discurso e pelo carisma da IURD por ocasião do período que precede as eleições é tal que seus fiéis acrescentam um significado a mais ao ato de votar além do dever cívico. O gesto de votar adquire o sentido de um rechaço do mal presente na política e sua substituição pelo bem, ou seja, por pessoas convertidas ao evangelho, por “verdadeiros cristãos”, por “homens de Deus” (Oro, 2003, p. 59).

A IURD faz parte da aliança que dá sustentação ao governo Lula desde a eleição de 2002. Seu senador e parte dos deputados na Câmara Federal pertencem ao PL, partido aliado ao PT desde a campanha eleitoral. No entanto, como parte dos deputados da IURD encontram-se em outros partidos, mesmo de oposição ao governo federal, é difícil prever um apoio unilateral da Igreja posto que seus congressistas em cada votação terão de optar, embora nem sempre isso seja possível, entre as orientações partidárias e os interesses da Igreja, não necessariamente

coincidentes. Aliás, a mesma situação ocorreu por ocasião do segundo mandato do governo FHC (1999-2002) quando a IURD, por razões simbólicas e instrumentais, opôs-se ao governo central. Segundo suas próprias palavras: “o comportamento do voto no congresso não aponta para uma real bancada Universal. Em geral os deputados seguem seus partidos [...]” (Fonseca, 1998, p. 20).

## **Considerações finais**

O sucesso da trajetória da IURD, em particular no campo político-religioso foi alcançado com ousadas estratégias, que se iniciaram com a escolha dos candidatos e com a coligação com partidos de direita, cujos princípios e ideologias casam perfeitamente com as ideias e crenças da universal (sobretudo com o PL). Porém, os erros cometidos pela cúpula dos líderes da Igreja ao apoiarem, por exemplo, Fernando Collor de Mello, nas eleições presidenciais de 1989, bem como à decepção que a mesma teve com o governo de Fernando Henrique Cardoso. Acontecimentos que serviram de trampolim para a mudança de postura mediante o apoio da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, que foi temido e demonizado nas eleições presidenciais de 1989, 1994 e 1998. Assim, a eleição em 2002, do petista Luiz Inácio Lula da Silva, veio culminar no refortalecimento da Igreja Universal do Reino de Deus no campo político-religioso.

O discurso político demonizador do medo, dos pregadores da IURD é fortemente carregado de sentido ideológico, na medida em que sabem identificar os problemas e as angústias das pessoas, mas propõem uma explicação transcendental, em especial uma demonização dos problemas sociais, econômicos e políticos. Esse tipo de explicação reducionista não questiona as causas históricas e sociais dos problemas que atingem os membros das camadas populares. O quadro ideológico fornecido não leva a questionar as injustiças, a manipulação política, a exploração econômica, que sofrem diariamente, mas a demonizar todo tipo de problemas, pondo medo e alienando os participantes das pregações pentecostais. O medo é enfatizado na figura do diabo, construída através da Pedagogia do Medo! Medo, porque a satanização dos acontecimentos sociais e políticos desenvolvem estruturas emocionais no fiel que em tudo vê o diabo.

O espaço que a IURD vem conquistado no campo religioso, social, midiático, empresarial e político, foi inspiração para outras Igrejas e

denominações pentecostais, que acabaram por seguir seus passos, atuando ativamente nas eleições. Ficou no passado o ditado “Crente não se deve meter em política” por ser considerada uma questão suja e mundana.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. de (2004). Religião na metrópole paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 19, n. 56. Disponível em: [http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Dinamica\\_Religiosa\\_Paulista.pdf](http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Dinamica_Religiosa_Paulista.pdf). Acesso em: 11/3/2007.

\_\_\_\_\_. (2009). *A igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo, Terceiro Nome.

CHAIA, V. (2004). “Eleições no Brasil: o ‘medo’ como estratégia política”. In: RUBIN, A. A. (org.). *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil, ensaios sobre mídia, cultura e política*. São Paulo, Haccker.

CONRADO, F. C. dos S. (2000). *Cidadãos do Reino de Deus: um estudo da Folha Universal nas eleições de 1998*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CRUZ, M. P. da (2009). *A igreja universal do Reino de Deus no “jogo do poder”: Aliança com o Partido dos trabalhadores nas eleições presidenciais de 2002*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP.

FONSECA, A. B. (1998). A maior bancada evangélica. *Tempo e Presença*. São Paulo, Cedi, n. 302, pp. 20-23.

JACOB, C. R. (org.) (2003). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais do Brasil*. São Paulo, Loyola.

MAQUIAVEL, N. (1969). *O príncipe*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MARIANO, R. (2010). Império Universal: Igreja neopentecostal cresce mundialmente, exporta sua hierarquia chefiada por brasileiros e enfrenta acirrada concorrência religiosa. *Folha de S.Paulo*. Caderno Mais, 2 de Maio.

ORO, A. P. (2003). A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 18, n. 53.

PASSOS, J. D. (2000). Teologias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. *Perspectiva*. São Paulo, v.14, n. 4.

SOUZA, E. C. B. de e MAGALHÃES, M. D. B. de (2002). Os pentecostais: entre a fé e a política. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 43.